



Prova de Bolsa 2023 – Questões objetivas

Texto I: Antes do Baile Verde (excerto)

- 1 O rancho azul e branco desfilava com seus passistas vestidos à Luís XV e sua porta-estandarte de peruca prateada em forma de pirâmide, os cachos desabados na testa, a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto. O negro do bumbo fez uma profunda reverência diante das duas mulheres debruçadas na janela e prosseguiu com seu chapéu de três bicos, fazendo rodar a capa encharcada de suor.
- 2 — Ele gostou de você — disse a jovem voltando-se para a mulher que ainda aplaudia. — O cumprimento foi na sua direção, viu que chique?
- 3 A preta deu uma risadinha.
- 4 — Meu homem é mil vezes mais bonito, pelo menos na minha opinião. E já deve estar chegando, ficou de me pegar às dez na esquina. Se me atraso, ele começa a encher a caveira e pronto, não sai mais nada.
- 5 A jovem tomou-a pelo braço e arrastou-a até a mesa de cabeceira. O quarto estava revolvido como se um ladrão tivesse passado por ali e despejado caixas e gavetas.
- 6 — Estou atrasadíssima, Lu! Essa fantasia é fogo... Tenha paciência, mas você vai me ajudar um pouquinho.
- 7 — Mas você ainda não acabou?
- 8 Sentando-se na cama, a jovem abriu sobre os joelhos o saiote verde. Usava biquíni e meias rendadas também verdes.
- 9 — Acabei o quê! Falta pregar tudo isso ainda, olha aí... Fui inventar um raio de pierrete difícilíssima!
- 10 A preta aproximou-se, alisando com as mãos o quimono de seda brilhante.
- 11 Espetado na carapinha trazia um crisântemo de papel crepom vermelho. Sentou-se ao lado da moça.
- 12 — O Raimundo já deve estar chegando, ele fica uma onça se me atraso. A gente vai ver os ranchos, hoje quero ver todos.
- 13 — Tem tempo, sossega — atalhou a jovem. Afastou os cabelos que lhe caíam nos olhos. Levantou o abajur que tombou na mesinha. — Não sei como fui me atrasar desse jeito.
- 14 — Mas não posso perder o desfile, viu, Tatisa? Tudo, menos perder o desfile!
- 15 — E quem está dizendo que você vai perder?
- 16 A mulher enfiou o dedo no pote de cola e baixou-o de leve nas lantejoulas do pires. Em seguida, levou o dedo até o saiote e ali deixou as lantejoulas formando uma constelação desordenada. Colheu uma lantejola que escapara e delicadamente tocou com ela na cola. Depositou-a no saiote, fixando-a com pequenos movimentos circulares.
- 17 — Mas se tiver que pregar as lantejoulas em todo o saiote...
- 18 — Já começou a queixação? Achei que dava tempo e agora não posso largar a coisa pela metade, vê se entende! Você ajudando vai num instante, já me pinte, olha aí, que tal minha cara? Você nem disse nada, sua bruxa! Hein?... Que tal?
- 19 — Ficou bonito, Tatisa. Com o cabelo assim verde você está parecendo uma alcachofra, tão gozado. Não gosto é desse verde na unha, fica esquisito.
- 20 Num movimento brusco, a jovem levantou a cabeça para respirar melhor. Passou o dorso da mão na face afogueada.
- 21 — Mas as unhas é que dão a nota, sua tonta. É um baile verde, as fantasias têm que ser verdes, tudo verde. Mas não precisa ficar me olhando, vamos, não pare, pode falar, mas vá trabalhando. Falta mais da metade, Lu!
- 22 — Estou sem óculos, não enxergo direito sem os óculos.
- 23 — Não faz mal — disse a jovem limpando no lençol o excesso de cola que lhe escorreu pelo dedo.
- 24 — Vá grudando de qualquer jeito que lá dentro ninguém vai reparar, vai ter gente à beça. O que está me endoidando é este calor, não aguento mais, tenho a impressão de que estou me derretendo, você não sente? Calor bárbaro!
- 25 A mulher tentou prender o crisântemo que resvalara para o pescoço. Franziu a testa e baixou o tom de voz.
- 26 — Estive lá.
- 27 — E daí?
- 28 — Ele está morrendo.

- 29** Um carro passou na rua, buzinando freneticamente. Alguns meninos puseram-se a cantar aos gritos, o compasso marcado pelas batidas numa panela: *A coroa do rei não é de ouro nem de prata...*
- 30** — Parece que estou num forno — gemeu a jovem dilatando as narinas porejadas de suor. — Se soubesse, teria inventado uma fantasia mais leve.
- 31** — Mais leve do que isso? Você está quase nua, Tatisa. Eu ia com a minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica. Imagine você então...
- 32** Com a ponta da unha, Tatisa colheu uma lantejoulas que se enredara na renda da meia. Deixou-a cair na pequena constelação que ia armando na barra do saiote e ficou raspando pensativamente um pingo ressequido de cola que lhe caíra no joelho. Vagava o olhar pelos objetos, sem fixar-se em nenhum. Falou num tom sombrio:
- 33** — Você acha, Lu?
- 34** — Acha o quê?
- 35** — Que ele está morrendo?
- 36** — Ah, está sim. Conheço bem isso, já vi um monte de gente morrer, agora já sei como é. Ele não passa desta noite.
- 37** — Mas você já se enganou uma vez, lembra? Disse que ele ia morrer, que estava nas últimas... E no dia seguinte ele já pedia leite, radiante.
- 38** — Radiante? — espantou-se a empregada. Fechou num muxoxo os lábios pintados de vermelho-violeta. — E depois, eu não disse não senhora que ele ia morrer, eu disse que ele estava ruim, foi o que eu disse. Mas hoje é diferente, Tatisa. Espiei da porta, nem precisei entrar para ver que ele está morrendo.
- 39** — Mas quando fui lá ele estava dormindo tão calmo, Lu.
- 40** — Aquilo não é sono. É outra coisa.
- 41** Afastando bruscamente o saiote aberto nos joelhos, a jovem levantou-se. Foi até a mesa, pegou a garrafa de uísque e procurou um copo em meio da desordem dos frascos e caixas. Achou-o debaixo da esponja de arminho. Soprou o fundo cheio de pó de arroz e bebeu em largos goles, apertando os maxilares. Respirou de boca aberta. Dirigiu-se à preta.
- 42** — Quer?
- 43** — Tomei muita cerveja, se misturo dá ânsia.
- 44** A jovem despejou mais uísque no copo.
- 45** — Minha pintura não está derretendo? Veja se o verde dos olhos não borrou...
- 46** Nunca transpirei tanto, sinto o sangue ferver.
- 47** — Você está bebendo demais. E nessa correria... Também não sei por que essa invenção de saiote bordado, as lantejoulas vão se desgrudar todas no aperto. E o pior é que não posso caprichar, com o pensamento no Raimundo lá na esquina...
- 48** — Você é chata, não, Lu? Mil vezes fica repetindo a mesma coisa, taque-taquetaque-taque! Esse cara não pode esperar um pouco?
- 49** A mulher não respondeu. Ouvia com expressão deliciada a música de um bloco que passava já longínquo. Cantarolou em falsete: *Acabou chorando... acabou chorando...*
- 50** — No outro carnaval entrei num bloco de sujos e me diverti à grande. Meu sapato até desmanchou de tanto que dancei.
- 51** — E eu na cama, podre de gripe, lembra? Neste quero me esbaldar.
- 52** — E seu pai?
- 53** Lentamente a jovem foi limpando no lenço as pontas dos dedos esbranquiçados de cola. Tomou um gole de uísque. Voltou a afundar o dedo no pote.
- 54** — Você quer que eu fique aqui chorando, não é isso que você quer? Quer que eu cubra a cabeça com cinza e fique de joelhos rezando, não é isso que você está querendo?
- 55** — Ficou olhando para a ponta do dedo coberto de lantejoulas. Foi deixando no saiote o dedal cintilante. — Que é que eu posso fazer? Não sou Deus, sou? Então? Se ele está pior, que culpa tenho eu?
- 56** — Não estou dizendo que você é culpada, Tatisa. Não tenho nada com isso, ele é seu pai, não meu. Faça o que bem entender.
- 57** — Mas você começa a dizer que ele está morrendo!
- 58** — Pois está mesmo.
- 59** — Está nada! Também espiei, ele está dormindo, ninguém morre dormindo daquele jeito.
- 60** — Então não está.
- 61** A jovem foi até a janela e ofereceu a face ao céu roxo. Na calçada, um bando de meninos brincava com bisnagas de plástico em formato de banana, esguichando água um na cara do outro. Interromperam a brincadeira para vaiar um homem que passou vestido de mulher, pisando para fora nos sapatos de saltos altíssimos. “Minha lindura, vem comigo, minha lindura!”, gritou o moleque maior, correndo atrás do homem. Ela assistia à cena com indiferença. [...]

1. Considerando o sentido e as ideias presentes no texto I, julgue as assertivas a seguir.

I. O texto “**Antes do baile verde**” está centrado em um diálogo entre personagens que, embora possam parecer amigas, estão, solidamente, hierarquizadas em uma relação que lembra a das antigas sinhás com suas mucamas, em que a jovem branca não só exige a ajuda, mas também não tolera reclamações da outra, tampouco opiniões contrárias à sua.

II. É possível afirmar que o ponto de tensão do conto consiste no conflito entre o anseio de Tatisa de ir ao baile e o receio da morte de seu pai, situação que justifica sua agressividade para com Lu e sua incredulidade quanto à real situação da saúde de seu pai.

III. Pode-se depreender do texto I que Lu tem o objetivo de alertar Tatisa de que esta deveria cuidar de seu pai, apesar do baile de carnaval, em razão do pericimento deste.

IV. Apesar de auxiliar Tatisa na preparação desta para o baile, Lu tem seu pensamento distante, o que é comprovado tanto pelo fato de cantarolar uma canção, enquanto arruma a patroa, quanto por sua atitude de não responder às provocações e aos insultos desta.

2. Julgue os itens a seguir, com base nos aspectos morfológicos do texto I.

I. A palavra destacada nos excertos “**ele fica uma onça se me atraso**” (12º parágrafo) e “**Mas se tiver que pregar as lantejoulas em todo o saiote...**” (17º parágrafo) apresenta a mesma classificação gramatical e o mesmo valor semântico.

II. No período “**Dirigiu-se à preta.**” (41º parágrafo), o emprego da palavra em destaque exemplifica derivação imprópria.

III. O pronome pessoal oblíquo destacado em “**um pingo ressequido de cola que lhe caíra no joelho**” (32º parágrafo) poderia ser substituído, sem prejuízo semântico pela contração “*dela*”, na reescrita seguinte: **um pingo ressequido de cola que caíra no joelho dela.**

IV. As locuções verbais sublinhadas em “**Deixou-a cair na pequena constelação que ia armando na barra do saiote e ficou raspando pensativamente um pingo ressequido de cola**” (32º parágrafo) apresentam aspecto permansivo.

3. Com base nos aspectos sintáticos do texto I, julgue os itens subsequentes.

I. Em “**a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto**” (1º parágrafo) e em “**fazendo rodar a capa encharcada de suor**” (1º parágrafo), pode-se identificar o mesmo tipo de predicado, no caso, verbo-nominal.

II. O período “**Eu ia com a minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica.**” (31º parágrafo) é composto por coordenação e por subordinação e contém três orações, sendo uma delas subordinada adverbial causal.

III. Os termos sublinhados em “**Achou-o debaixo da esponja de arminho**” (41º parágrafo) exercem a mesma função sintática, apesar de terem referentes distintos.

IV. Não se pode afirmar que o termo “**pelo asfalto**”, contido em “**a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto**” (1º parágrafo), é agente da passiva.

Texto II: Marcha de Quarta-Feira de Cinzas

- | | | | |
|---|-----------------------------|----|---------------------------|
| 1 | Acabou nosso carnaval | 8 | Pelas ruas o que se vê |
| 2 | Ninguém ouve cantar canções | 9 | É uma gente que nem se vê |
| 3 | Ninguém passa mais | 10 | Que nem se sorri |
| 4 | Brincando feliz | 11 | Se beija e se abraça |
| 5 | E nos corações | 12 | E sai caminhando |
| 6 | Saudades e cinzas | 13 | Dançando e cantando |
| 7 | Foi o que restou | | |

- | | |
|--|---|
| 14 Cantigas de amor | 25 Porque são tantas coisas azuis |
| 15 E no entanto é preciso cantar | 26 E há tão grandes promessas de luz |
| 16 Mais que nunca é preciso cantar | 27 Tanto amor para amar de que a gente nem sabe |
| 17 É preciso cantar e alegrar a cidade | |
| | 28 Quem me dera viver pra ver |
| 18 A tristeza que a gente tem | 29 E brincar outros carnavais |
| 19 Qualquer dia vai se acabar | 30 Com a beleza |
| 20 Todos vão sorrir | 31 Dos velhos carnavais |
| 21 Voltou a esperança | 32 Que marchas tão lindas |
| 22 É o povo que dança | 33 E o povo cantando |
| 23 Contente da vida | 34 Seu canto de paz |
| 24 Feliz a cantar | 35 Seu canto de paz |

MORAES, Vinicius de. **Marcha de Quarta-Feira de Cinzas**. 1963. In: SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. Vol 1: 1901-1957. São Paulo: Editora 34, 1997.

4. Com relação às ideias presentes no texto II, julgue os itens a seguir.

- I. Segundo o eu lírico, há uma tristeza imanente ao povo do seu país, a qual precisa acabar, conforme, inclusive, é o seu desejo, expresso na quarta estrofe.
- II. Pode-se inferir do texto que o título faz referência tanto ao fim do carnaval e ao início da quaresma quanto ao término de um momento de alegria e de amor e ao princípio de um período “cinza”, de tristeza e de apreensão.
- III. A metonímia foi a figura de linguagem empregada nos versos “**Porque são tantas coisas azuis**” (25º verso) e “**E há tão grandes promessas de luz**” (26º verso), do mesmo modo que, em “**Mais que nunca é preciso cantar**” (16º verso), o hipérbato foi o recurso estilístico usado.
- IV. Caso o verso “**Ninguém passa mais**” (3º verso) fosse reescrito como *Ninguém mais passa*, não haveria alteração gramatical, mas o sentido original seria alterado.

5. Julgue as assertivas subseqüentes, com base nos aspectos gramaticais do texto II.

- I. Os pronomes demonstrativos grifados nos versos “**Foi o que restou**” (7º verso) e “**Pelas ruas o que se vê**” (8º verso) desempenham a mesma função sintática.
- II. A palavra “**se**” apresenta, em cada uma de suas ocorrências nos versos oito, nove e dez, classificação gramatical distinta.
- III. Considerando-se as regras de colocação pronominal, o verso “**Qualquer dia vai se acabar**” (19º verso) estaria correto tanto se fosse reescrito como *Qualquer dia vai-se acabar* quanto se a versão escolhida fosse *Qualquer dia vai acabar-se*, já que se tem locução verbal, com verbo principal no infinitivo.
- IV. As preposições destacadas nos versos “**Quem me dera viver pra ver**” (28º verso) e “**Com a beleza**” (30º verso) são nocionais, entretanto apresentam valores semânticos distintos e introduzem termos sintáticos diferentes.



Prova de Bolsa 2023 – Questão discursiva

Texto I: Restos do carnaval

1 Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa já ia se aproximando, como explicar a agitação que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

2 No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

3 E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

4 Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça — eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável — e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

5 Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com os quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

6 Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga — talvez atendendo a meu mudo apelo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel — resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

7 Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas — à ideia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha — mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

8 Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! Chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

9 Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge — minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa — mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que

cobriria minha tão exposta vida infantil — fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

10 Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido, sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre, mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

11 Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

(LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004)

O tema da correlação entre identidade e alteridade está presente no conto supramencionado. Perceber-se de um modo e ser percebido pelas pessoas de outro gera parte do conflito apresentando na narrativa. Em 15 a 20 linhas, comente, com base na leitura do texto, os desdobramentos, na contemporaneidade, dessa tensão no que concerne ao Brasil.